

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE HISTÓRIA

JOSÉ LENILSON LIMA DA SILVA

EM BUSCA DA BRUXA HISTÓRICA DA IDADE MÉDIA REPRESENTADA NOS  
LIVROS DIDÁTICOS.

DELMIRO GOUVEIA

2023

JOSÉ LENILSON LIMA DA SILVA

EM BUSCA DA BRUXA HISTÓRICA DA IDADE MÉDIA REPRESENTADA NOS  
LIVROS DIDÁTICOS.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História, Campus do Sertão, como requisito para obtenção da graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana

DELMIRO GOUVEIA

2023

**Folha de aprovação**

JOSÉ LENILSON LIMA DA SILVA

EM BUSCA DA BRUXA HISTÓRICA DA IDADE MÉDIA REPRESENTADA NOS  
LIVROS DIDÁTICOS**Banca examinadora:**Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana  
UFALExaminador interno: Prof.º Me. Gercinaldo de Moura Medeiros  
UFALExaminador externo: Prof. Me. Ayrton Matheus da Silva Nascimento  
UNEB

**Resumo**

O artigo propõe uma discussão sobre como as bruxas da Idade Média são representadas na disciplina escolar, a partir da análise dos livros didáticos do 6º ano do fundamental e da 1ª série do ensino médio. Buscando responder: a partir de qual tendência pedagógica a bruxa é representada? O texto tem o intuito refletir sobre o valor histórico das bruxas e propor para o ensino de história uma solução pedagógica que seria trazer o mito da bruxa para uma compreensão social, trazê-la para a disciplina escolar como um sujeito social dentro do nicho das disputas ideológicas que marcaram o declínio da Idade Média. Resgatar a natureza histórica da bruxa visa compreender a questão do gênero.

**Palavras-chave:** livro didático; Idade Média; bruxas; mulheres.

**Abstract**

The article proposes a discussion on how witches from the Middle Ages are represented in school subjects, based on the analysis of textbooks from the 6th year of elementary school and the 1st year of high school. Seeking to answer: from which pedagogical tendency is the witch represented? The text aims to reflect on the historical value of witches and propose a pedagogical solution for the teaching of history that would bring the myth of the witch to a social understanding, bringing her to school discipline as a social subject within the niche of disputes. ideological ideas that marked the decline of the Middle Ages. Rescuing the historical nature of the witch aims to understand the issue of gender.

**Keywords:** Textbook; Middle Ages; witches; women.

## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 - INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>6</b>  |
| <b>2 - UMA NOVA IDADE MÉDIA E UM NOVO FAZER HISTORIOGRÁFICO.....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>2.2 A mulher não bruxa da Idade Média: Novos saberes sobre a bruxa histórica .....</b>                               | <b>11</b> |
| <b>3 - A BRUXA DA IDADE MÉDIA REPRESENTADA PELA DISCIPLINA ESCOLAR:<br/>ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA .....</b> | <b>15</b> |
| <b>3.1 As bruxas aparecem na baixa idade média (XI-XVII).....</b>   | <b>17</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>21</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>22</b> |

## 1 - INTRODUÇÃO

Durante o governo Bolsonaro, a ministra Damares Alves, ala ideológica do governo, condenou a propagação de um folclore, que segundo ela: inapropriada para as crianças. De acordo com a matéria do El país (JOANA OLIVEIRA, EL PAÍS, 2019), a ministra autocensurou os livros infantis da escritora Rosana rios. Relata a matéria: “‘caça às bruxas’ de Damares provoca autocensura no mercado literário infantil: declarações de autoridades como a ministra demonizam seres imaginários como dragões e duendes e marcam tabus nas obras para crianças” (JOANA OLIVEIRA, EL PAÍS, 2019).

Em 2019, outro fato, igualmente político também marcaria o debate sobre a magia na literatura infantil, proporcionando uma atmosfera de reflexão e repercussões nas redes sociais sobre o destino do folclore brasileiro causada pela castração da política atual. Em fevereiro de 2019, na esteira das polêmicas declarações de Damares Alves, a Leiturinha, maior clube de literatura infantil do país, com 170.000 assinantes, publicou um edital em que não aceitava obras com “seres mágicos, como bruxas, fadas e duendes” e, depois da má repercussão nas redes sociais, voltou atrás. “Foi um equívoco”, reafirmou à reportagem Fernando Collaço, chefe de comunicação da Play Kids, responsável pela Leiturinha. “Nenhum assunto deve ser tabu na literatura. Respeitamos posições políticas e religiosas, mas nosso desafio é conciliá-las com o trabalho de curadoria’, acrescentou” (JOANA OLIVEIRA, EL PAÍS, 2019).

O que a historiografia da bruxaria História das mulheres dentro da área do ensino de história pode aprender com esse fato? Obviamente, que a delimitação social de abordagens temáticas, tendências metodológicas conservadoras, exclusivismo e elitismo historiográfico, a determinada áreas de explicação, ideologia curricular, isso tudo promove o desconhecimento, o medo, a segregação e a censura. Que acaba por reproduzir a marginalização dos sujeitos na história.

Este fato levanta várias dúvidas? Perguntemos se a sociedade dentro da comunidade escolar está apta a discutir novos valores históricos? Sabemos que a história de gênero vem ganhando espaço no livro didático, deste modo pode incluir a bruxa na história das mulheres, história de gênero? Será que o currículo é aparelhado ideologicamente para falar o mínimo das bruxas da idade média. Seria um silêncio escrito na ideologia, cujo objetivo é se esquivar. O fato é que essa prática pode ser interpretada como um ato de ética política, o movimento cultural que tem o tema bruxa como um tabu social.

Foi pensando nesse acontecimento ideológico, de censura e caça às bruxas, e incrédulo com a postura antidemocrática de nossa democracia que o texto (de conclusão de curso nasceu) passar a vir a público, para debater de forma geral a democracia no currículo de história (nos assuntos históricos) de adolescentes e crianças em formação política, social e de crença.

O artigo tem como intuito refletir sobre o valor histórico das bruxas, e propor para o ensino de história uma solução pedagógica, que seria trazer o mito da bruxa para uma compreensão social, trazê-la para a disciplina escolar como um sujeito social dentro do nicho das disputas ideológicas que marcaram o declínio da Idade Média, como resgatar a natureza histórica da bruxa dentro da compreensão de gênero, na história das mulheres.

A proposta do texto é tirar a Bruxa do silêncio didático. É propor um diálogo que culmine na busca social de redescoberta de sujeitos históricos negligenciado pela disciplina escolar. Para o resgate desse sujeito histórico, e caracterização de todo esse período de Baixa Idade média e crise do feudalismo como destacamos em que a bruxa é desprezada como parte desses eventos pela ciência dos livros didáticos trará como referencial bibliográfico e teórico, selecionamos obras que pensam a bruxaria como o fenômeno político, linhas de pesquisa que parte da caça às bruxas (Jules Michelet (1989), Delumeau (1889); como Fenômeno cultural, pesquisas voltadas para o resgate da cultura popular, da construção discursiva das imagens no jogo das representações sociais (Ginzburg(1988), Nogueira(2004). Como Fenômeno social, pesquisas que remontam ao contexto social medieval, percebendo nas relações de conflitos as transformações mentais, Le Goff (2005). E por fim sob a ótica do Fenômeno ideológico, pesquisas engajadas nas questões de gênero (Federici (2019), Zordan (2005).

As escolhas das obras se justificam por dois motivos. Primeiro por terem acompanhado o processo de ressignificação historiográfica e segundo por pertencer ao campo da história cultural, social e das mentalidades, e Histórias das mulheres. É a partir desse segmento teórico que examinamos a discussão sobre a representação das bruxas nos livros didáticos. Propondo uma reflexão sociológica sobre caráter histórico da bruxa, do extermínio de mulheres equivalente os judeus no contexto nazista (Federici, 2019, p. 65).

A metodologia segue em analisar como os livros didáticos contextualizam a Idade Média e como representam como enfoque temático o período das caças as bruxas. Partindo de algumas perguntas: A uma ideologia estrutural instituída pelo conhecimento que deve ser transmitido didaticamente? Por que a Bruxa se faz ser desconhecida nos temas da idade média? A bruxa é um inimigo dos livros escolares, e se é? Por que o próprio nazismo,

comunismo e fascismo são referências históricas? Por que a bruxa não pode ser uma referência historiográfica nos livros didáticos?

São alguns problemas de pesquisas que o artigo busca responder. Apesar das várias interjeições que destacamos tentaremos responder objetivamente três deles: primeiro: Por que a Bruxa se faz ser desconhecida nos temas da idade média? Segundo Por que a bruxa não pode ser uma referência historiográfica nos livros didáticos? E por fim, como forma de proposta: a solução pedagógica seria trazer o mito da bruxa para uma compreensão histórica trazê-la para a sala de aula como um sujeito social e cultural. Dentro de uma razão política, História de Gênero.

No capítulo 1 iremos tentar descrever nesse capítulo a contribuição de cada ciência e o que elas têm a oferecer ao ensino de história na temática das *Bruzas na Idade Média*. No capítulo 2, buscaremos resgatar sob a ótica da historiografia *contemporânea as raízes da bruxaria na Idade Média* problematizando porque elas não aparecem como objeto de discussão nos livros didáticos. E por fim, apresentaremos um resumo contextual dos dados da análise dos livros didáticos.

## 2 - UMA NOVA IDADE MÉDIA E UM NOVO FAZER HISTORIOGRÁFICO

O estudo da Idade Média nessas últimas décadas ganhou destaque internacional. Obras literárias, editoriais, historiográficas e filmográficas, emergem como uma necessidade da modernidade de resgatar esse filho bastardo. Para historiografia do século XX, significou o novo fazer historiográfico. Conhece-se a frase célebre de Marc Bloch: O historiador é como o ogro da fábula: onde sente cheiro de carne humana, sabe que lá está sua presa. Deste modo, o sujeito histórico passou de coadjuvante para protagonista dos eventos históricos (Le Goff, p.38, 2005).

Se avaliarmos as obras desse período, se falou mais da Idade Média do que do próprio século. Por que dessa necessidade? Que valor pessoal à Idade Média teria para os historiadores desse século? (LE GOFF (2005).

Hilário Franco Junior em sua obra "Idade Média: o nascimento do Ocidente" (2001) produziu um prefácio educativo mostrando todo um saber estigmatizado que fora cultivado sobre imagem da idade média, que só a partir do século XX, foi possível compreender a idade

média como um período histórico: individual, duradouro, dinâmico e transitório (FRANCO, 2001).

A historiografia francesa não se falou em outra coisa. Se quisermos saber um pouco sobre a primitividade da sociedade econômica que fundamentiza nosso pensamento, basta lê: Henri Pirenne, *Histoire économique de l'occident médiévale*, (1951); Le Goff, *A Bolsa e a vida*, (1989), *O apogeu da cidade medieval*, (1992), nossas contradições com a luxúria, a ociosidade, a usura e o mundo do trabalho estão expressos. Nossas concepções tenebrosas do purgatório, a invirtude do pecado é facilmente explicada por Michel Vovelle, *As almas do purgatório*, (2010).

Ou, se quiséssemos entender por que um cristão deve revestir seu corpo de Fé: Le Goff em *Uma história do corpo na Idade Média*, (2003). Dos motivos de nossas guerras e de nossa justificação para a violência econômica pré-industrial, Le Goff *Guerra e Cruzada* (2006). E dos indivíduos que popularizam nossa religião e do qual hoje nos autos diferenciamos, Lucien Febvre *Martinho Lutero, um destino*, (2012). Esta obra biográfica é o almanaque, as geografias territoriais do nascimento psicológico da nossa multe religiosidade.

Queijo e os vermes de Ginzburg (1988) nos mostra uma reforma protestante vista de baixo, pela cultura subalterna, um conhecimento religioso popular, representado pela figura do camponês (meeiro) medieval, que faz uso de sua própria narrativa para refletir sobre os caminhos de sua fé cristã. A obra Ginzburg (1988), contribuiu para o desenvolvimento de metodologias para o trabalho com fontes inquisitoriais, uma peça-chave para o resgate da bruxa histórica.

Podemos estender para Ronaldo Vainfas, *Trópico dos pecados*, (2011), nos mostra como nosso pensamento religioso é tão imoral quanto nossas práticas inquisitórias, Laura Melo de Sousa, *O diabo e a terra de Santa Cruz*, (1986) como somos tão folcloristas e como nossas instituições inquisitoriais são fascinadas pela nossa cultura do pecado. E se você for mulher Mary Del Priore, *História do Amor no Brasil*, (2005) te explica nossa Maria interior e porque muitas a recusam seu simbolismo em tempos atuais.

Igualmente é preciso dá o mesmo reconhecimento à história vista de baixo. Peter Burke organizador do livro *A escrita da História: a história vista de baixo* (2011), escrita por Jaime Sharpe (2011), já vem endereçando essa discussão de redescobrir sujeitos históricos negligenciados pelos historiadores, indivíduos que estão abaixo ou fora dos grandes acontecimentos.

Correção à história da elite, ele realça a necessidade de recordar que “nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais” (SHARPE, 2011,

p. 60). Segundo o professor da Universidade de Cambridge Peter Burke (2011), uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se “concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história” (BURKE, 2011, P. 12).

A historiografia francesa daria sua contribuição ao tema da bruxaria sem saber. Segundo Peter BURKE (1991).

*Les Rois Thaumaturges*, (1924) de Marc Bloch (1924) foi escrito como uma contribuição à história das ideias de monarquia. (Burke, 1991). “Iniciaria uma nova fase da historiografia europeia (Burke, 1991) relacionada aos estudos políticos sobre a Idade Média principalmente no que era compreendida como história política, a ideia de monarquia” (Burke, 1991, p.20).

Bloch recriaria a lógica da narrativa dos eventos políticos “porque não se limitava a um período histórico convencional, a Idade Média”. (Burke, 1991, p.20). E segundo a centralidade do objeto investigativo era o ritual e não a monarquia. A cura representava a crença que os súditos tinham sobre o papel milagroso do Rei. E assim Bloch narra uma história da esperança, apesar de que o mesmo não colocará nesses termos, mas se é denominada como o estudo de psicologia religiosa (Burke,1991). A crença na cura, na religião não é a crença na esperança?

Bloch em *A Sociedade Feudal* (1924) estuda estrutura política do mundo feudal pelo universo simbólico (a cura dos leprosos pelo toque real) da cura como explicação da cultura política do feudalismo. Oferecendo aos historiadores uma história política fundada na cultura popular. (Burke, 1991). A história das mentalidades e do imaginário viria agradecê-lo a mais tarde. (Burke, 1991).

*A feiticeira* (1862) de Jules Michelet ganhou destaque na história das mentalidades a partir da terceira geração dos Annales. Seu estudo centrado na idade média tem como objeto de estudo a feitiçaria, a cultura da feitiçaria. O livro recupera o fenômeno da feitiçaria que diz mundo sobre o imaginário do sujeito feudal integrou o mito à narrativa histórica. Pode ser interpretado como um estudo social das crenças religiosas, no mundo dividido entre católicos e pagãos, religião e ciência. Em que o mundo feudal católico será surpreendido pela individualidade de sujeitos que contestam a doutrina católica.

Diferente de uma cultura de classe como fenômeno social em evolução linear, temos a subjetividade como natureza de explicação para os acontecimentos históricos, a entrada de outros personagens na trama histórica assim como foi a sua biografia (sua opinião) sobre Lutero. Febvre busca humanizar a história. Uma história repleta de gostos e cheiros.

## 2.2 A mulher não bruxa da Idade Média: Novos saberes sobre a bruxa histórica

A história da feiticeira se confunde com a história da mulher na Idade Média, como também se confunde com a história do diabo no imaginário cristão medieval. Ao narrar a epopeia medieval da feiticeira, Michelet (1862) cria uma personagem que atravessa séculos e envelhece com a própria civilização europeia do medievo. Sua longa feiticeira é contraposta à estrutura social e à institucionalização do cristianismo. “Enquanto as estruturas de poder cristão e feudal são monstruosidades únicas na história do mundo a feiticeira é um fio de luz que sobrevive às trevas medievais”. (MICHELET, 1862, p. 401).

A feiticeira de Michelet (1862) está envolvida com a constituição dogmática de sua imagem maligna instituída pela igreja. Para Michelet: das personagens arroladas vive trezentos anos, para a esposa Satã desafia, num primeiro momento, não apenas o campo da ciência, mas os limites do bom senso. Como pela instituição de sua cultura popular, o saber que ela possui no tratamento de ervas e plantas medicinais.

O que podemos tirar da obra de Michelet (1862) é que ele aborda a cultura da cura como objeto de discórdia entre a fé católica e o universo das feitiçarias realizado por essas mulheres, que resiste a reafirmação do mundo católico medieval em crise, em transformação, na busca do equilíbrio e do prestígio, buscando ser o único representante da vontade de Deus na terra, o auspício da salvação dos pecadores, ou talvez, o senhor das terras que a partir da crise da fé cristã essas práticas foram demonizadas.

A pesquisadora Zordan, (2005), autora do artigo, Bruxas: figuras de poder, traz essa mesma reflexão. Para a autora: “Trata-se de uma imagem construída por diferentes discursos, um romântico, propagado ao longo do século XIX, e outro eclesiástico, expresso nos enunciados seculares da cristandade contra arcaicas práticas pagãs” (Zordan, 2005, p. 331).

Também é fato que foi um dos maiores extermínios de mulheres na história. Mulheres de ofícios, mulheres detentoras de saberes que foram queimadas na fogueira, afogadas nos lagos, expulsas de suas vilas.

*O medo do ocidente*” (1988), de Delumeau está entre as obras da década de 80. Sec. 20, que busca na nossa concepção algumas finalidades primordiais. A primeira delas é a inovação do método historiográfico; o aperfeiçoamento no trabalho com a narrativa histórica e a história cultural, que nesta época centrava-se em explicações antropológicas para compreensão dos fenômenos históricos. Igualmente a psicologia histórica ou a psico-histórica

também ganharia espaços quando o trato com o simbólico invocasse suas análises sobre o sujeito psíquico.

Delumeau (1988) persegue a bruxa histórica pela tradição construída a partir do século XIII e XIV, momento em que deus castigava o mundo com fome, guerra e peste. Mas também, reconhecamos que Delumeau (1988), traz o universo do comportamento social das bruxas. Mulheres que estão sendo caçadas, pelos seus gestos, resistência, condição social, aparências e senso coletivo de comunidade.

Mas é com Ginzburg em *Os andarilhos do bem* (1991) que conhecemos melhor o universo comportamental das bruxas (magias e feitiçarias). Em Ginzburg (1991) a bruxa, a feiticeira e as práticas mágicas são parte do cotidiano do medievo, não como ficção, um folclore desinteressado, mas, como um espaço moral e político dentro da magia; uma sociedade ritualística que se conhecem pela liturgia dos gestos, que se organizam pela ética espiritual que a magia imprime.

A análise do Sabá feita por Ginzburg (1991) nos oferece o que Paul Ricouer, chama de a palavra viva, ou seja, as falas proferidas dentro do Sabá em consonância com as práticas do ritual transformam-se em objetos de realidade, que é passado de geração em geração como um acontecimento histórico, uma festa regional, um folclore nacional, ou mais íntimo, interpretado como valores aprendidos na comunidade e na família.

Definamos que a bruxa de Michelet (1863) é uma mulher do povo camponês revoltado pelo endurecimento das obrigações feudais, um sujeito revolucionário que questiona os valores do absolutismo católico a ela imposto, assim, como os revolucionários franceses se organizam e desafia a ordem vigente. Em sua pesquisa sobre missas negras, Pierre Töpffer assinala que “a miséria deve ter engendrado muitos excessos rapidamente identificados com práticas feitiçarias” (TÖPFFER, 1980, P. 43).

Enquanto a bruxa de Ginzburg (1991) é marcada pela ação dogmática que irá tentar a expansão da bruxaria na Europa, reconhecida por ser uma cultura de pertencimento, em que os indivíduos recebem e reproduzem valores morais e éticos de pertencimentos no seio de sua educação. Em Delumeau (1988) camponesas de prestígios, mulheres que curam, são criminalizadas pelo contexto sociopolítico de fome, guerra e peste que culminou todo século XIV. “Comenta Jean Delumeau em sua História do medo no Ocidente. A fome e privação de sono às quais eram submetidos os acusados de feitiçaria também rompiam “qualquer resistência”, a ponto de admitirem todas as atrocidades que lhes eram atribuídas” (ZORDAN, 2005, P. 336).

No sentido que, conhecemos mais elas pela ótica da inquisição, dos milhares de inqueritos a elas impugnados. Naquilo que de pior a descreve no malles maleficarium.

As obras de Silva Federici (2019), são de importância igual para a busca de nossa bruxa histórica negligenciada pelos currículos escolares que ainda custam em desenvolver o tema bruxa em sala de aula. Sua obra *caça às bruxas* (2019), segundo a autora é dedicada “a todas elas que”, consoantes ao famoso grito de guerra, dizem, com orgulho: “Somos as netas de todas as bruxas que vocês não conseguiram queimar” (Federici, 2019, p.25).

Enfatiza Federici (2019) que nesse universo do simbólico das pesquisas são povoadas de estereótipos e ressignificações, cujo, propósito é agradar a massa, nesse caráter de virtude histórica, acaba por romantizar a história da personalidade da mulher medieval, da camponesa, da trabalhadora industrial, da revolucionária francesa; da enfermeira no pós-guerra. E esquecem que a bruxas criminalizadas durante os séculos XVI e XVII, dos crimes a elas feridos tiveram como motivações controlar suas terras, domar seu corpo e seus costumes como os índios da América Colonial.

Discorre a autora, além do universo virtual, da ficção (mas cheio de sentidos), no cotidiano mental da vida real, certas festas populares de sul ao norte da Europa comemoram os levantes das fogueiras, vendendo bonecas e apetrechos que remontem a esse fato. Há canções aplaudidas (canção dinamarquesa) pelas massas que reafirmam os valores inquisitoriais. Lugares como Índia e África segregam mulheres, acusadas de bruxaria e as mantém confinadas onde são repudiadas com todo o tipo de exortação caluniosa, muitas baseadas nos velhos mitos.

De acordo como a autora, a caça às bruxas ainda continua sob diferentes modos operantes e procedimentos de criminalizações mais sofisticados, em que as fogueiras não se apagaram totalmente (FEDERICI, 2019, P. 40-41).

Algumas teses interessantes que a autora defende é que a bruxa foi vítima da política de cercamento inglês entre o século XVII, onde foram obrigadas a desocupar suas terras em prol do modelo econômico burguês e estética industrial. Mulheres que tiveram seu conhecimento medicinal usurpado pela ciência que surgia dos livros escritos nas universidades, em que a cidade monumentalmente se orgulhava. Assim, velhos conhecimentos dominados pela figura feminina foram substituídos pela representação masculina (FEDERICI, 2019, P. 59).

*Mulheres e a caça às bruxas da Idade Média*, (2019), é uma obra que nos diz mais sobre mulheres de carne e osso que foram acusadas de bruxarias; de mulheres submetidas à cultura patriarcal e a sociedade misógina de seu tempo; que fora oprimida pela ciência e os

modelos econômicos da época. O livro desfaz a ilusão do folclore popular pagão e cristão disseminado pelos inquisidores. O livro vai além, do folclore popular, da reprodução inquisitorial criminal, da ciência idealizada pelos manuais eclesiásticos se aproxima mais de uma história social das mulheres, um discurso político em defesa da emancipação feminina.

Trazendo-nos a imagem da mulher em seu mundo simbólico social, ou seja, velhinhas que voam com suas vassouras ao luar, ou moças que atraem criancinhas para um manjar fúnebre na espreita de devorá-las como porcos, ou mulheres que seduzem com suas coxas amostra camponeses desavisados, ou até mesmo mulheres que atentam contra a vida das cidades envenenando poços e ceifando com suas poções úteros saudáveis, é na realidade histórica uma política de extermínio de mulheres (FEDERICI, 2019, P. 53).

Como vemos são críticas importantes levantadas por Federici (2019), essas das quais esse artigo de conclusão de curso a faz no início dessa introdução, no tocante, a banalidade iconográfica atribuída a interesses ideológicos e aos mercados privados e estatais, cujas finalidades atende exclusivamente ao consumo despreocupado, em que se faz a custo da imagem da bruxa. Mas, igualmente defendemos, que essas representações sobre o tema construído, a partir do olhar historiográfico; são importantes para o debate do tema da bruxa, tão escassos nos livros didáticos. Enquanto no mundo real se fala até de mais, até mesmo movidos por interesses dos quais já destacamos, nos livros didáticos se calam. E do porquê desse silêncio?

Outras tendências sociopolíticas, como o movimento feminista que recorreriam ao estudo das bruxas para denunciar o ataque e opressão às mulheres imposta pela cultura do patriarcado, e reivindicar o lugar da mulher na história, na ciência no debate político, nos meios de produção, nas carreiras de chefia mento.

Novos estudos vieram resgatar a historicidade presente na cultura feudal, como personagem central a bruxa ou bruxaria teria seu papel de destaque, dividindo espaço com a Historiografia da inquisição, o que poderíamos chamar de historiografia da bruxaria. As bruxas são representadas como figuras míticas presentes nos contos populares, mas que essa adoração, seu cultivo foi responsável pela configuração histórica da bruxa contemporânea ((Federici, 2019, p. 53).

Percebemos um processo discursivo de sua construção histórica. Sua literatura e representação podem ser visitadas no seu espaço constituição e identificação. Reafirmado ou resinificado pelos próprios valores da modernidade, ou do sujeito discursivo que opera a sua escrita.

### 3 - A BRUXA DA IDADE MÉDIA REPRESENTADA PELA DISCIPLINA ESCOLAR: ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA<sup>1</sup>

Vamos por parte. A análise de um livro didático não difere muito de uma análise de uma obra; não indefere de um discurso ideológico prontamente construído amplamente em toda construção do livro didático. E, portanto, nesse capítulo apresentamos a análise dos documentos referentes aos procedimentos metodológicos de ensino de história, as referências comentadas e o período de toda Idade Média (V-XIV).

O teor teórico metodológico do livro segue o pensamento da escola historiográfica francesa, A escola dos Annales, (Burke, 2002), trazendo a definição de história como uma ciência que estuda as relações sociais, econômicas e psicológicas das sociedades, na busca de compreender o presente faz isso a partir do trabalho interdisciplinar, de uma crítica e uma diversificação das fontes históricas (Amplitude: história, 6: ensino fundamental: anos finais, P.05, 2022).

Entorno de processos de avaliação segue procedimentos qualitativos, com enfoque a construção da aprendizagem e a experiência do aluno. Contemplando assuntos transversais seguindo as orientações da BNCC. Destaca a essencialidade de conhecimentos factuais para disciplina escolar, porém, garantindo sua plasticidade.

Os referenciais teóricos no que compete o ensino da Idade Média partem de conhecimentos históricos mais inovadores, tanto no que tange a fontes históricas, como a linguagem e a escrita historiográfica, contemplando a História das Mulheres. Autores como Marc Bloch, Jacques Le Goff, Hilário Franco, George Duby, Serge Berstein. No entanto, feito um canal de busca sobre a palavra “bruxa” no documento, o resultado foi negativo. História das bruxas não é História das mulheres?

Torna-se, mais evidente a compreensão dessa incongruência ideológica por negligenciar “a bruxa”, quando voltamos para os próprios textos apresentados, de autoras(es) como: Flávia Eloisa Caimi, Afrânio Catani, Wilma de Nazaré Baía Coelho, Daniel Goleman, Peter Senge, Ana Maria Monteiro.

Quando olhamos a habilidade definida pelo livro didático para compreensão do Ensino Idade Média: determinada por: “Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços”. Fica mais notória a insensibilidade com o genocídio cometido com as bruxas, do qual a disciplina escolar silencia.

---

<sup>1</sup> **Amplitude:** história, 6: ensino fundamental: anos finais. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.

A obra divide a Idade Média em duas fases: Alta Idade média (V-X), Baixa Idade Média (XI-XIV). O tempo cronológico é linear, porém, dinâmico. Então os alunos aprendem na escola que a Alta idade média (V-X) é o período de iniciação da construção, política, econômica, social e cultural do mundo feudal, ou chamado feudalismo.

Os conteúdos trazem como características estruturais sob a ótica de: uma Política descentralizada, economia de subsistência e autossuficiente (comércio de baixa intensidade, o sistema monetário em déficits), relações sociais mantidas por ordens estamentais e religiosas bem rígidas com baixo índice de mobilidade social, e relações comerciais e interpessoais sob a o aparato político baseado nas relações de vassalagem e servidão (Amplitude: história, 6: ensino fundamental: anos finais, 2022, P.194-195).

Nesse “Start” inicial a bruxa, a mulher feiticeira não aparece nessas estruturas políticas e religiosas. Sabemos que reis poderiam curar. Rainhas Merovíngias também. E as camponesas que praticavam magias não? A obra não as menciona, o curioso é que a mulher feudal está presente. Figura de prestígio e de mobilidade. O livro destaca seus diversos papéis dentro da sociedade feudal: trabalhavam como professoras, boticárias, administradoras de feudos copistas e administradoras de negócios. Assumindo cargos de influência como o caso da francesa Leonor da Aquitânia, rainha da França e Inglaterra que viveu entre os séculos XII e XIII. (Amplitude: história, 6: ensino fundamental: anos finais, 2022, P. 198).

A historiografia da feitiçaria nos conta que a feitiçaria era uma prática comum entre as mulheres desse período, elas dominavam o saber sobre plantas e ervas. Também eram conhecidas como cartomantes e advinhas, dominavam os astros e faziam previsões, acertavam os acontecimentos naturais dentro dessa estrutura econômica de subsistência, onde seus dons eram muito necessários.

Segundo o artigo "Bruxas imagens de poder", da escritora Zordan (2005), elas eram bem requisitadas pela comunidade feudal, julgavam que elas podiam influenciar e isso trazer as boas colheitas, além do dom do parto e manipulação de ervas medicinais. A princípio o caldeirão e as práticas de envenenamento ainda não existiam. Mas elas cozinhavam para os feudos e seus senhores e atendiam o mundo natural das preocupações da sociedade feudal.

“A bruxa”, ou melhor, raízes da feitiçaria aparecem como fenômeno de explicação do sistema feudal da Alta Idade Média. De acordo com Hilário Franco Júnior (1999) o cristianismo como religião oficial se consolidaria no século V, dentre os reinos Francos. A literatura da bruxaria traz que mulheres que utilizavam da feitiçaria não eram perseguidas dentro do mundo cristão ainda em ascensão.

A feitiçaria é o conhecimento aprendido no interior da família, das camadas populares, um saber que também transitavam entre os nobres e o baixo clero. É de se supor que como eles estavam mais próximos da comunidade sabiam dessas práticas aceitas como práticas pagãs. Apenas como mais uma exaltação pagã dentre tantas outras que surgiram depois do declínio do império Romano No século IV.

Fica respondido se houve feiticeiras convivendo com ordens cristã na Alta Idade Média? Não. O mundo natural influenciado pela feitiçaria sim, que transforma a maneira como as relações políticas e econômicas eram construídas. Então, qual é a dificuldade de trazer esse tema para os livros escolares de modo que evidencie a imagem histórica da “bruxa”?

### **3.1 As bruxas aparecem na baixa idade média (XI-XVII)**

Percorrendo a bruxa histórica pelos períodos temáticos da história aqui propriamente dita, fica mais fácil percebê-la entre as estruturas que caracterizam a baixa idade média, a crise do feudalismo. É um consenso entre os livros aqui analisados que este período foi um momento de grandes transformações econômicas: uma relativa paz entre feudos, a diminuição das taxas de mortes, o retrocesso de epidemias, o aumento da produção de alimentos. (Amplitude: história, 6: ensino fundamental: anos finais, 2022, P.201)

O surgimento das primeiras feiras permanentes que impulsionou tanto o comércio regional como o comércio internacional, marcada pelas ligas Hanseáticas que legitimava os ofícios que trocavam entre si não só produtos, mas serviços, esses que eram aperfeiçoados nos burgos. Uma revolução tecnológica agrícola mudaria a forma de trabalhar com o campo. A charrua e o arado de metal serial o exemplo dessas inovações. (Amplitude: história, 6: ensino fundamental: anos finais, 2022, P. 202).

A produção de excedente seriam as consequências desses avanços. O excedente seria amoeda que impulsionaria as feiras, provocaria a expansão comercial, e a o aparecimento das cidades consolidaria junto com desenvolvimento das profissões provocando mudanças no seio da sociedade feudal, contribuindo para mudanças de valores, e formação da classe burguesa.

A Nobreza teria o papel de destaque e se consolidaria nesse processo, a sociedade seria marcada pelo endurecimento das obrigações feudais, como consequência da fome, guerra e Peste. E cada vez mais o poder da igreja seria ameaçado, ocorrendo um movimento de histeria, medo e perseguições aos hereges.

Em suma, é tudo que o livro nos oferece de conhecimento histórico sobre o genocídio de mulheres durante o século XIV-XVII, que chamamos de caças as bruxas. Todavia, compreender a delimitação do tema é pensar do porquê do silêncio. A justifica que o livro nos oferece é que os conteúdos foram programados na estética clássica, porém, ressignificada pela nova história, como notamos. A presença constante da mulher como protagonista dos acontecimentos, como uma abordagem singular dos povos indígenas e africanos. É uma preocupação de atender questões do presente. Mas, como já relatamos desmitificar os estereótipos das bruxas é denunciar preconceitos e violências históricas.

Portanto, é preciso reconhecer também que a inexistência do tema em assuntos escolares é uma prática de exclusão. Determinados assuntos históricos exercem uma representatividade secundária. Não há muito tempo que a literatura afrodescendente, indígena, quilombola, rural e questões de gênero ingressaram nos assuntos escolares, mas só foi possível pelo empenho de grupos culturais e movimentos políticos que por pressão e força de lei possibilitaram sua obrigatoriedade no currículo escolar (BITTENCOURT, 2018, P. 127).

As recentes transformações da História têm sido constatadas por pesquisas recentes, e enfrentam constantes desafios para se efetivarem, como a inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira, da história dos povos indígenas ou das mulheres. As transformações do ensino de História têm proporcionado debates importantes relacionados aos problemas epistemológicos e historiográficos, mas também quanto ao significado de sua inserção e rejeição em projetos curriculares nacionais e internacionais (Monteiro, 2014; Bittencourt, 2018).

A este respeito defendemos que a instrumentalização do silêncio nada mais é que uma atitude de coesão social, movida tanto pelo discurso moral e econômico. Ou será o próprio medo? E não descartamos essa hipótese, já que, aprendemos com Delumeau (1988) que o medo interfere na razão, na ética, nos padrões culturais de toda sociedade, ou seja, o medo transforma as relações sociais consolidadas, em que é comum o aparecimento de práticas segregadoras, e o fortalecimento de ordens de julgamento como soluções viáveis e científicas no combate ao desconhecido, ao inimigo. Burke comenta que “percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos.” (BURKE, 2011, p. 16).

### **3.2 Análise do livro didático 2: Gislane Azevedo, 2016<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup> Azevedo, Gislane. **História: passado e presente**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2016.

O objetivo do capítulo é apresentar a sociedade da Europa ocidental no período da Idade Média, identificando as origens e analisando as características do feudalismo. Propõe entender as relações de suserania e vassalagem. Analisar a organização socioeconômica dos feudos. Perceber métodos e estratégias empreendidas pelos reis para a centralização do poder. Identificar o papel e as reações dos diferentes grupos sociais – burguesia, nobreza, clero e as camadas baixas (camponeses pobres) – durante esse processo. Conhecer os principais acontecimentos e interesses envolvidos na fase de formação das primeiras monarquias nacionais europeias.

Diferente da obra anterior, em que percebemos o diálogo maior com outros campos da história; uma maior diversidade no trabalho com as fontes, em que a fonte oral estava muito presente; como a introdução de sujeitos e acontecimentos marginalizados pela história tradicional; História: passado e presente, apresenta um conteúdo pautado em uma história sociopolítica, com acontecimentos centralizados em movimentos coletivos, com características estruturais.

Deste modo, temos ao falar da Alta Idade Média: Agricultura como principal atividade produtiva; Sociedade rigidamente hierarquizada, com indivíduos subordinados uns aos outros por laços de dependência pessoal; Pequena elite, no topo da sociedade, formada por grandes senhores de terra e pelo alto clero; Poder político fragmentado entre os senhores feudais e o rei; Grande quantidade de servos da gleba, ou seja, camponeses que viviam nas terras dos senhores feudais, sob o domínio deles, garantindo-lhes o sustento.

Enquanto a Baixa Idade Média (XI-XIV) características que determinam o desenvolvimento comercial e urbano na Baixa Idade Média foram: as Inovações tecnológicas; um sistema político mais centralizado nas mãos dos maiores proprietários de terras que monopolizam as feiras e os burgos em volta de sua propriedade; uma economia dinâmica e o ressurgimento do sistema monetário, melhorando e acelerando as transações comerciais; uma Sociedade com maior mobilidade social, provocada pelo crescimento das profissões e das relações que eram construídas entre o mestre e o aprendiz; a Cultura moldada por uma arquitetura que tinha a cidade, a vida nos burgos como seu maior influenciador.

E por fim, a partir do século XIV, uma conjunção de fatores provocou uma profunda crise econômica e social na Europa: Conquista de territórios do Império Bizantino pelos turcos otomanos; Secas prolongadas; peste negra e o papel religioso da igreja ameaçado assim como as tradicionais ordens feudais. Que desafiava o prestígio de Papas e Nobres. As cruzadas como campanha militar, política e religiosa contra os muçulmanos no mediterrâneo

durante os séculos XI-XIII, sobre justificativa de salvação para os pobres, riqueza para os comerciantes, glória para os reis e reafirmação da doutrina para os católicos.

Mas o livro se esquece, “das Bruxas”. Então lembraremos que nesse período da história marcado pela falência de algumas ordens e momento de transição de todo um sistema em crise, as Bruxas são parte desse processo. (FEDERICI, 2019, P. 62.63).

Somente um conhecedor assíduo, ou um historiador acometido de preocupação, para perceber sua presença. Pelo que avaliamos só um especialista para marcar a trajetória desses personagens da história, tão inquietante a imaginação moderna. Inquietante, no sentido mais negativo do significante, visto que sua imagem transita entre um folclore pagão distorcido e uma historicidade cristã que as condenam e as escondem.

A crítica da marginalização dos sujeitos na história, não pode ser direcionada diretamente aos livros didáticos, a saber, que a bruxa não existe nos livros escolares, se reduzem a dois fatos: A morte de Joana D'arc, e as caças as bruxas. Tampouco o erro de interpretações os livros reproduzem, como: Não foram as bruxas responsáveis pela disseminação da peste? A ciência medieval pouco caso fez de sua presença nos eventos; se quer essas mulheres foram às cruzadas, e sabemos que estavam lá. O santo ofício não as levou para as fogueiras; as viúvas, as moças sedutoras, senhoras da magia ou até mesmo as velhas pedintes foram sustentadas até o fim de suas vidas pela clemência das bulas papais, ou da generosidade dos nobres cavaleiros, isso é tão verdade quanto as fogueiras mas não se diz.

Destaca-se que o caráter a-históricográfico e reducionista dos livros didáticos sobre o tema, produz a quem o ler, um sentimento de injustiça, tanto não desfaz o mito, como não contextualiza a historicidade do tema. Ou até mesmo, atuam sob uma conduta de moralização do ensino, e que não duvidemos dessa hipótese. Imaginemos: que sociedade curricular vinculada à espiritualidade católica aceitaria passivamente ser envolvida em assuntos do diabo? Das práticas de putrefação” de canibalismo e infanticídio”; de orgias e adoração satânica”? Até mesmo o estigma é silenciado.

Toda a historicidade do século XIV não pode ser revivida em sala de aula, isso é um fato. Porém, o silêncio não resolve o fato que essas bruxas, são mulheres que foram presas e torturadas pelo tribunal inquisitorial. Como não apresentar esse fato político?

O que podemos tirar de proveito sobre os estudos da Idade média em questões curriculares de história com esse tipo de abordagem? E onde as bruxas se enquadram nesse contexto?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos faz obrigatório pontuar a evolução da discussão do tema, apesar de que esse debate não se chegue às salas de aula, ou seja, a Bruxa histórica, a evolução do seu conhecimento historiográfico não está acessível ao debate didático, aos projetos de pesquisas escolares; ao currículo, as rodas de debates entre a comunidade escolar.

Esse mal-estar, vai além aonde a terminologia se encerra, ela é freudiana. Seu significativo pode causar incômodos no inconsciente de culpa, na psique dos movimentos ideológicos. Porque falar da bruxa ou da feitiçaria, é adentrar nas áreas de estudos mais diversas: principalmente em campos como História da sexualidade, História das mulheres, dos movimentos feministas, ou seja, nas ciências onde a ideologia de gênero busca deslegitimar toda uma cultura patriarcal.

Enquanto a ciência evolui no tema, os livros didáticos que são por naturezas forças empíricas iluministas pensadas lá atrás com Diderot e D'elambert, objetos do mesmo, não acompanham o desenvolvimento das discussões e o investimento intelectual e social que é injetado sobre o tema.

As bruxas como sujeitos históricos sociais e culturais: pertencem tanto a cultura popular, saber e conhecimento cultuado, praticado dentro de uma estrutura social por comunidades e famílias durante toda alta idade média (V-X). Como a um fenômeno social, marcado pelas transformações ocorridas durante a transição do feudalismo para o capitalismo, em que propriamente dita a palavra bruxa depois da publicação do *maleus maleficarum* (o martelo das bruxas) ganha sua significação que conhecemos atualmente, marcado nos capítulos da história da inquisição que impedia a emancipação da mulher medieval

Nesse espectro geral de valores das representações sociais que a bruxa causa na cultura dos livros, a sensação que se tem, é que a bruxa, ao olhar a-histórico, fora do debate historiográfico, das universidades, das especializações; das seitas religiosas wikas espalhada pelo mundo nunca deixou de ser bruxa, a tratam como uma figura mítica que deve permanecer nesse território de identificação, em que, sua representatividade só ganha assiduidade em um universo simbólico: espaço do folclore, da literatura, da filmografia contemporânea, sem nenhum tipo de expressão no mundo real; na vida cotidiana. E Isso é apenas aparente, causado pelo desconhecimento.

As bruxas são um corpo vivo que compõem a idade média, ela é alma de toda uma série de conjecturas que integra a compreensão religiosa (sociopolítica) de todo um período. E

assim, restringir o debate nas salas de aula é contribuir com o silêncio que aplaca a história das mulheres em busca de sua própria escrita e ciência.

Foi a partir dessa necessidade de trazer a contribuição das ciências sobre o tema da bruxa dentro dos conteúdos relacionados à idade média para a sala de aula que nos encorajamos a desenvolver o texto, pois sabemos que o tema evoluiu para o debate social e político e os livros escolares devem acompanhar o conhecimento científico. A segunda motivação é o desafio de falar sobre algo que só preexiste nas entrelinhas. Foi à justificação para a problematização do assunto aqui tratado, a saber, que o silêncio muitas vezes é a própria narrativa, é o lugar que se faz a própria história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT. Reflexões sobre o ensino de História: **Estudos Avançados**, 32 (93), 2018, p. 127.

**BRUXARIA E FEITIÇARIA NÓRDICA**, *Notícias Asgardianas*, n. 6, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/6427500>

Burke, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CALADO, Eliana. **O encantamento da bruxa: o mal nos contos de fadas**. João Pessoa: Idéia, 2005.

CAMPOS, Luciana de. **Plantas mágicas. In: Dicionário de Mitologia Nórdica**. São Paulo: Hedra, 2015, pp. 373-377.

CARDINI, Franco. Magia e Bruxaria na Idade Média e no Renascimento. In: **Revista Psicologia, USP**, v. 7, n. 1/2, 1996, pp. 9-16

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: a ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna**. São Paulo: Edusp, 2006.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Editora, PNLD/2018. Fragmentos tirados da carta de apresentação do guia: “os materiais aprovados para o Ensino Médio ([https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2018\\_literario/etapaensino/2018literario\\_ensino\\_medio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2018_literario/etapaensino/2018literario_ensino_medio)) acessado em 26 de março de 2002.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. SP: Cia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **História noturna: decifrando o sabá**. SP: Cia das Letras, 1991.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feitiçarias: *Malleus Maleficarum***. RJ: Rosa dos ventos, 1991.

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989

----- . **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MADEIRA, Angélica. O pacto da bruxaria. In: **Humanidades 9(1), 1994**, p. 21-30.

MANDROU, Robert. **Magistrados e feitiçeiros na França do século XVII**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MELLO E SOUZA, Laura de. **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987.

MICHELET, Jules. **A feitiçeira**. São Paulo: Círculo do livro, 1989.

MUNCHEBLED, Robert. **Uma história do diabo: séculos XII-XX**. São Paulo: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão**. São Paulo: Edusc, 2004.

PALOU, Jean. **A feitiçaria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RAGO, Margareth. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 13-20, maio/ago. 2020.

RIDER, Catherine. **Magia e religião na Inglaterra Medieval**. São Paulo: Madras, 2014.

ROWLAND, Robert. Malefícios e representações coletivas: ou seja, porque na Inglaterra as feitiçarias não voavam. **Revista da USP**, n. 31, 1996, pp. 16-29.

RUSSELL, Jeffrey; BROOKS, Alexander. **História da bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.

RUSSELL, Jeffrey Burton. **História da Feitiçaria**. Rio de Janeiro, Campus, 1993.

SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas: noivas de satã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SCHMITT, Jean-Claude. Feitiçaria. In: **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Vol. 1. SP: Edusc, 2002, pp. 423-436.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 40-98.

THOMAS, Keith. **Religião e declínio da magia: crenças populares na Inglaterra**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

#### Livros Didáticos

**Amplitude**: história, 6: ensino fundamental: anos finais. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2022. Vários autores.

AZEVEDO, Gislane. **História: passado e presente**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2016.